

A OPINIÃO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO
Direcção de MANOEL MARINHO

Gramofones **ITONIA**

—= VENDE =—

Eurico Soucasaux

avengado

Necessarias explicações

Desfazendo artificiosos enredos
Partindo os dentes aos sofistas

O caso Silva Couto

As insidias de «O Barcelense»

Tão serenamente quanto as circunstancias o impõem vamos, com a necessaria calma, quebrar os dentes aos sofistas, desfazendo-lhe a teia artificiosa dos seus costumados enredos.

O caso Silva Couto gira, presentemente, sobre o *caso de batalha* da capciosa moção votada de afogadilho n'uma assembleia geral extraordinaria da «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras», do Porto, com a intenção de desagravar a *aquele cavalheiro* das claras e indesmentiveis afirmações, publicadas em «O Primeiro de Janeiro», «O Jornal de Noticias» e neste modesto bi-semanario, que o colocaram n'uma deprimente situação moral.

Ora nessa moção fomos visados ofensivamente — o que, aliás, logo repelimos —; mas, como ahi se dizia que nos ia sêr remetido um officio contestando as acusações aqui formuladas, resolvemos aguardal-o no desejo de condignamente lhe respondermos.

Porém o nosso grande espanto mantem-se, porquanto, até esta data, não chegou cá o tal officio, o que nos leva a crêr que, a «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras», do Porto, conhecendo o lôgro em que caiu procura tornar o caso esquecido ou esboça o estudo d'uma plataforma que a não deixe mal ferida pela imprudencia cometida na aludida assembleia geral.

Este facto é, como peça desta causa moral, um dos elementos capitaes, porque, rigorosamente, não pode deixar de sêr um documento a considerar, mas só quando cumprido pela entidade que o votou sob essa clausual condição.

De resto nós, como parte interessada na questão, instantemente temos salientado a demora na remessa desse documento, visto que, só apóz a sua posse, nos podemos oficialmente pronunciar.

Desde que o debate assumiu as proporções já publicamente conhecidas, nenhum factor elucidativo desta causa pode sêr posto de lado.

Os motivos imperiosos que levaram a direcção da «Associação dos Jornalistas» do

Porto a não se nos ter dirigido ainda, como resolveu a sua extraordinaria assembleia geral, são, *ex officio*, desconhecidos, todavia não se torna difficil comprehender que esse symptomatico silencio se funda no seu desacordo com a precipitada e insensata e imprudente resolução dessa assembleia geral.

Ipsa facto, mostra, assim, que se não solidarisa com semelhante moção concebida nos termos em que o foi e, implicitamente, deixa a *ter* — nessa habil posição — a sua não absoluta discordancia com os qualificativos de desmérito applicados ao sr. Silva Couto.

Sucede que, depois das decisões tomadas em assembleia geral — que, diga-se de passagem, nunca devia autorisar a aprovação d'uma moção redigida nos termos da que votou, sem, previamente, conhecer as causas fundamentaes que motivaram as apreciações ao sr. Silva Couto, então publicadas na imprensa, — apparecemos, bem como o sr. Souza Martins, a assumir as responsabilidades do que, a seu respeito, haviamos escripto.

E tanto nós como o sr. Souza Martins, que possuímos da honra um conceito bem diferente daquele que o sr. Silva Couto adóta, e temos uma idoneidade que *este cavalheiro* jamais alcançará, o convidamos, por mais de uma vez, a contestar-nos, abandonando essa caracteristica posição de amesquinhante cobardia moral.

O sr. Silva Couto, porem, apesar deste repto, salientando, uma vez mais, a sua accentuada imbecilidade, publicou, em o ultimo numero de «O Barcelense», um «*Contra a Cizania*» que, alem de nos dar o significado da sua solerte cobardia, é mais um deploravel documento da sua manifesta incapacidade mental e uma prova de quem, demasiadamente desorado, prefere deixar o nome e a honra envoltos na lama nauseabunda dos chiqueiros, a procurar um desforço que o rehabilite.

De resto o sr. Silva Couto, quando atingido pelas referencias do nosso jornal e dos dois importantes dia-

rios, não tinha, por sua propria dignidade, que recorrer á protecção da «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras» do Porto, procurando nela um desagravo que primeiro, e indevidualmente, necessitava ter tomado, embora depois, assim prestigiado, lhe implorasse auxilio.

Num autentico «golpe de preto», que custa e crêr a sua inferioridade obtivesse, entrincheirou-se, medroso como qualquer fraldiqueiro efeminado e mulherengo, por detraz d'aquella «Associação», procurando atirala para a contenda a defendel-o de acusações de que só ele tinha o dever imperioso de desagravar-se.

E é um homem assim moralmente incapacitado pela sua propria attitude, sem logica e sem criterio, que vem á imprensa monarchica local, dizer: «*responderei á chamada somente quando seja feita por gente idonea e sem esses intuitos baldadamente lançadas a publico!*...»

O sr. Silva Couto, como aquele célebre *leão cobarde* que é representado com a cauda entre as pernas, refastela-se nesse comodismo pusilamine e vergonhoso querendo imputar aos outros — que tão alto giram que quasi o não divisam — uma falta de idoneidade que é uma das suas principaes caracteristicas.

Posto isto vamos, agora, dedicar um pouco da nossa attenção em responder aos miseraveis e pobrissimos argumentos do orgão monarchico desta cidade «O Barcelense»:

Já ha muito, tanto em nossas explicações como em cartas aqui publicadas pelo sr. Souza Martins, se deixaram nitidamente esclarecidas as condições em que foi nomeado membro da Comissão que, no Porto, organizou a excursão a esta cidade, bem como os poderes que o habilitavam a escolher, localmente, o seu representante. E até esta hora, ninguem, com idoneidade e direito para tal, trouxe a publico qualquer desmentido.

Em boa verdade o «O Barcelense», que se afirma mo-

A' Margem Do Dia

Desmanchando o edificio da insidia. Sempre marcando principios. O «Palestrando» e o sr. Albino Leite. O passado e o presente. Atitudes que marcam personalidades. A fuga á discussão e a falta de argumentos defensivos. Denuncia infamissima. O médo á controversia. Almas perversas e abominaveis. Faculidade de apreciar. Inreitos de critica. Afirmação de principios. Resultato da sindicancia aos acontecimentos que vaiaram o sr. Arcebispo, de Braga. Apreciação de factos. Coragem das nossas afirmações. As habilidosas insidias do orgão monarchico. As attitudes da Mesa do Hospital e do 2.º comandante dos Bombeiros. Função dos Hospitais.

TEMOS por norma não nos deixamos assomar quando alguém, vomitando odio, espalha veneno peor que o dos Borgias. E ao sentirmos os impetos perfidiosos da vibora rastejante que procura morder-nos, por traição, afugentamol-a com arômas rescedentes das mais ricas rosas da Alexandria ou das perfumadas violetas do Cairo.

Deparamos, hoje mesmo, com o ultimo «Palestrando» do sr. Albino Leite, e ficamos surpreendidos com as roupagens de que se revestiu, como se nós, aavez delas, não divisassemos o seu passado politico e jornalístico e, como se desconhecemos as leis de psicologia moral que formam a estrutura individual e são o producto analitico das fases e aspectos que a vida de cada cidadão toma durante a existencia.

O sr. Albino Leite parece imaginar que, pelas leis da adaptação, devemos esquecer o papel que desempenhou no passado, para atendermos á sua representação no presente. Tão conhecidas e accentuadas são as incoherentes modalidades do seu espirito, e tão presas estão aos seus escriptos na imprensa, que não podem deixar de sêr factor analitico a considerar no juizo critico que do seu nome publico se houver de fazer, dando ou tirando autoridade ás suas produções.

O homem que nós conhecemos, em tempo, defendendo as liberdades publicas em ataques á ditadura franquista, combaten lo ferozmente em «A Folha da Manhã», os clericais do partido Nacionalista dos tempos monarchicos, o blóco eleitoral formado contra o falecido Teixeira de Souza, atrando-se, como gato a bófes, aos que propalavam que as mulheres dos eleitores governamentais paririam sapos e outros reptis, desapareceu, para dar logar a um seu homônimo, jesuita, incoherente, espirito obsecado, retrogrado, despotico e adverso ás legitimas e indispensaveis regalias de imprensa.

Como outrora o cardeal Richelieu fundador da Academia Francesa, que, mais não pedia que tres linhas do escripto de um homem para o mandar enforcar, assim o sr. Albino Leite, nos aponta e denuncia ao gladio da Censura, esquecido que só a discussão e dedução das cogitações do pensamento, são susceptiveis de marcar opinião segura e aceitavel.

Olvida, ainda, que foi ele e todos os seus correlegionarios, pelos violentos ataques, na imprensa e no parlamento, ao então rei D. Carlos dirigidos, quem preparou a atmosfera do regicidio, a fuga d' Ericeira, a proclamação da Republica, enfim.

Em todos os tempos se permitiu o debate sobre qualquer causa politica, scientifica, tecnica, religiosa, moral, de tática ou estrategia, sem que os contendôres pedissem, para o adversario, uma mordaca opressora que proíbisse a controversia das manifestações do pensamento humano.

Demais a mais o sistema de cor-

responder a apreciações analiticas ou deducções filosoficas, não é fugir, escondendo-se por detraz dum pesado e censôr camartelo, regosijando-se com uma formula que, permitindo-lhe dizer o que quer, lhe livra os olhos de lêr o que não quer.

O sr. Albino Leite, falho de logica argumentação com que possa refutar as nossas verdades, foge a contestal-as ferindo-nos na arteria principal, bebendo-nos o sangue como Gaetano Mammonne terrivel bandido de Napoles, feito capitão dos exercitos do rei Fernando comandados pelo cardeal Fabricio Ruffo.

De que autoridade moral se reveste o sr. Albino Leite para escrever como escreve, se nós lhe conhecemos toda a sua vida politica e de imprensa?

É que direito se arroga para censurar, nos outros, a critica e apreciação sobre actos publicos de acção politica ou religiosa de qualquer partido ou seita, quando é certo que outra coisa não faz constantemente nos seus escriptos?

É quem, mais que o sr. Albino Leite ha contribuido, pelo faciosismo das suas cronicas, para o envenenamento e má interpretação da obra republicana, contribuindo, assim, para luctas e desavenças entre portugueses?

O futuro, porém, que fala mais alto que os seus passageiros anacronismos, ha-de mostrar-lhe, sr. Albino Leite, que o exercicio da liberdade voltará, de facto, ao *statu-quo*, para que a imprensa seja aquilo que deve sêr, e para que os obstémios de faculdades intelectuais e escassos de argumentação defensiva demonstradas no seu ultimo «Palestrando», não cohibam as manifestações da intelligencia como quem algema um forçado.

Mas como, segundo dictado antigo, «*voces de... não chegam aos ceos*» natural é que a sua desleal denuncia seja repelida com a mesma violencia com que Cristo expulsou os vendilhões do Templo.

ALMAS perversas, tão perversas como insidiosas, e tão abominaveis como Diomedes que, a carne humana sustentava os seus cavalos, procuram deturpar a intenção destas cronicas, pondo-lhe um proposito diferente daquele a que visam.

Dos acontecimentos e dos homens subtraímos as ilações analiticas que a sua penetrante evidencia nos sugere, sem outro designio que não seja o de marcar principios sujeitos, claro é, á mais franca controversia, longe de qualquer receio á sua refutação.

A faculidade apreciativa é um direito intuitivo que só os falhos de intelligencia não possuem.

Dentro da correcção que nos é peculiar, e da permissão de analyse que a todos é inherente focamos a grave contenda que vaiou e apedrejou o sr. Arcebispo Primaz, destacando o perigo do seu feito autoritario e prepotente, salientando a

ALFAIATARIA BARBOSA acaba de receber um grande sortido de capotes alentejanos a preços reduzidos assim como fazendas para fatos e sobretudos.

A Cidade

justiça que assistia aos protestantes da freguesia da Sé, pondo alerta o espirito das almas liberais, para que se defendessem das consequências que o excesso de concessões religiosas está ocasionando.

Tudo fizemos, balizados pelos direitos de emancipação espiritual, condimentados pelas nossas crenças liberais, e na legitima exigencia das mesmas regalias que existem para quem defenda tése em contrario.

O caso do sr. Arcebispo, de Braga tomou as proporções dum vulcão lançando substancias escaldantes, e o seu aspecto de insurreição moral e religiosa não pode mais apagar-se nos annos dos tempos, como estrela cadente ou meteoro luminoso, refugiando-se no sigillo do esquecimento com que, egípcias gerações extintas, esconderam o segredo dos venenos que conservavam os cadaveres dos seus faraós.

E tanto nós não demos a este caso mais vulto do que aquele que tomou por sua propria natureza, e tão confirmadas estão as nossas conclusões que, do relatório de inquerito mandado fazer pelos poderes governamentais a esse conflicto constata isto: «Sobre a materia crime, nada se pode provar, porque então teria de toda a população de Braga sêr chamada á responsabilidade do delicto cometido.»

Em face dum documento assim insuspeito, provado fica que eramos nós quem tinha razão, pois, não pode admitir-se que, uma população inteira se manifestasse contra o sr. Arcebispo, sem poderosas e bem acentuadas razões.

Toda a nossa intenção consiste em estabelecer método doutrinario, acima de preconceitos irrisorios, fóra de interesses sectarios, mas salvaguardando, sempre, o prestigio da isenção espiritual contra as habilitades da «reserva mental» e as jesuíticas investidas aos principios de direito publico portuguez.

DENTRO dos estreitos limites

desta despretençãa secção apreciamos os factos que, ante nós, se vão desenrolando, coando-os por um filtro analitico que nos deixe ver bem as razões originarias dos fenomenos, as condições em que se realisam, os fins a que visam, e os efeitos dos seus emergentes reflexos.

Possuimos a coragem das nossas afirmações e, felizmente, não somos dos que nos deixamos seduzir por conveniencias particulares, nem sujeitamos o nosso espirito á lei do menor esforço ou á apregoadã e falivel autoridade dos outros.

E, as opiniões aqui expendidas são, muito exclusivamente, da nossa individual responsabilidade.

Quando tomamos conhecimento da representaçãa da simpática e valiosa corporaçãa de Bombeiros Voluntarios desta cidade, perante o sr. Arcebispo, de Braga, num legitimo direito de opinião, manifestamos a nossa formal discordancia.

Fizemo-lo, marcando principios, sem intuitos de reserva ou calculado efeito, e com o mesmo direito dos que pensam ao contrario.

Do mesmo modo que os homenageadores do sr. Arcebispo pretendem lobrigar fins inconfessaveis na nossa orientaçãa, podemos nós, por igual, acusal-os de visarem a objectivos indignos e conflictuosos.

Tanto que, o órgão monarchico local que sobre a Republica e todos os republicanos tem lançado as mais vis apostrofes, veio á estacada fazendo voejar a insidia, procurando explorar o caso com afirmações capciosas e, algumas, até falsissimas.

Bastantes dias antes de aqui fallarmos neste assunto, havia já pedido a sua demissãa o 2.º commandante dos nossos prestantissimos Bombeiros Voluntarios, conforme, documentalmente, é facil de apurar; verificando-se, pois, que agiu por sua livre e expontanea vontade e sem suggestãa de qualquer campanha que, afinal, no caso presente, não existiu nunca.

A representaçãa da mesa do Hospital, não se realisou, segundo nos informaram, pelas razões já por nós expostas e em que foram concordantes tanto o sr. Provedor como o sr. José Monteiro, respondendo, logo, não terem nem deverem imiscuir-se em tal assunto. Todavia, pelo reptol

Escola Complementar

Está aberta uma segunda epoca de Matricula na Escola Complementar desta cidade, por concessãa especial do sr. Ministro da Instruçãa, para alumnos, que não puderam matricular-se no periodo normal por excesso de idade.

A quem esta concessãa aproveitar deve dirigir-se sem demora ao sr. director da Escola.

De todo o ponto justa a deliberação tomada, porque a maior parte dos alumnos que fizeram exame da 4.ª classe ultrapassavam a idade exigida, para a frequencia da Escola Complementar, e tambem porque falando-se tanto, e discutindo-se a melhor forma de combater o analfabetismo, não fazia sentido que se fechassem as portas duma escola a quem pretende instruir-se.

Qualquer que seja a idade é sempre tempo de aprender.

Continuo

Na Escola Complementar desta cidade foi colocado como continuo o sr. Manoel da Silva Machado, continuo adido das extintas E. P. Superiores.

O nosso Orfeão

Este tão simpatico como educativo grupo coral que, em diferentes occasiões, tem affirmado os seus incontestaveis meritos artisticos, engrandecendo a nossa terra, acaba de abrir as suas novas instalações no segundo andar do antigo edificio do «Colegio» onde funcionam algumas

das escolas de ensino geral primario e a escola infantil.

Belamente instalado oferece, agora, aos seus associados o conforto e comodidades de que ha tempos estavam privados por falta de condigno alojamento.

De esperar é, por tanto, vêr, de novo, para ali canalizadas as atenções tanto dos socios, como de todos os barcelenses que se regosijam com os progressos da sua terra e, sobretudo, quando evidenciados por manifestações educativas e artisticas.

Na verdade ninguem pode contestar ao nosso simpatico Orfeão o seu intrinseco valôr coral, tantas e tantas vezes evidenciado em representações publicas dum exito enorme pelas afirmações artisticas reveladas.

Aos seus distintos componentes, pois, apresentamos os nossos parabens pela sua nova instalaçãa no desejo, bem sincero, de que continuem no caminho glorioso das suas victorias.

Desastre de automovel

Domingo, quando regressavam ao Porto diversos caçadores, em 4 automoveis, vindo de uma caçada da freguesia de Tamel (S. Fins), deslocelho, voltando-se 1 daqueles 4 carros que conduzia 7 caçadores, ficando todos muito gravemente feridos e com contusões pelo corpo.

Depois do desastre, na estrada distrital á curva de Gilmonde, transportados nos outros automoveis para a farmacia da freguesia de Vila Seca, deste concelho, tambem, distante do local do sinistro uns 2 quilometros, aí receberam os primeiros socorros.

«A OPINIAO» é o jornal de maior expansãa de Barcelos.

LENHA

Muito boa para cosinhar, a preços modicos, vende-se tanto por carro como a retalho.

—Rua da Madalena, n.º 11—
Campo de S. José.

que o órgão monarchico lhes lançou, eles certamente, a publico visãa explicar como as coisas se passaram, bem como a orientaçãa que perfilham.

Ha, porem, a acentuar que, os Hospitais, embora possuam ainda bastante do esquêma organico primitivo, conservando a sua tradicional confraria, hoje, pela legislaçãa em vigor de principio protectionista do Estado, da sua directãa intervençãa no seu exercicio administrativo ou funcional, e duma distribuçãa de socorros e beneficios que não distingue entre catholicos ou não catholicos, sendo mesmo estes ultimos izentos de qualquer obrigaçãa de caracter religioso, podem considerar-se instituições senão laicizadas, pelo menos, aceitando indistintamente uma e outra hipotese, até que um proximo futuro estabeleça doutrina taxativa.

O facto do sr. presidente da Camara ter feito a apresentaçãa das deputaçães barcelenses ao sr. Arcebispo, só tem um significado particular, visto que, no exercicio desse cargo, não é um representante eleito pelo povo republicano, mas sim um delegado da confiança do Exercito.

E assim, como uma creança que esfrangalha um boneco na impetuosa curiosidade de vêr o que tem dentro, nós despedaçamos as ócas e despresiveis argumentaçães do bilioso órgão monarchico local deixando-o desesperadamente a puxar pelos cabelos como succedeu aos empestados de Jaffa.

ARGUS

«A Opinião»

Serviços de administração

Inumeras vezes insistentemente temos pedido aos nossos presados assinantes das freguesias o favor de se não atrazarem no pagamento de suas assinaturas.

E' certo que, na sua maior parte, quasi todos teem correspondido a este pedido.

Outros ha, certamente por motivos contrarios á sua vontade que teem deixado atrazar demasiadamente o pagamento das suas assinaturas.

Ora isto causa-nos alem de enorme desarranjo nos serviços de administração, prejuizos incalculaveis.

Nós não queremos, de forma alguma, têr de chegar ao extremo de suspender o envio deste bi-semanario a estes ultimos assinantes, pois isso imensamente nos desgostaria.

Apelamos, por isso, para todos aqueles assinantes que se encontram em divida de mais de um ano, pedindo-lhes enorme obsequio de mandarem satisfazer os seus debitos, ou então avisarem-nos para lhes suspender o jornal caso não queiram continuar a sêr seus assinantes.

Polvora Africana para caça e minas

ESTANQUEIRO — Rua D. Antonio Barroso 49 a 53 BARCELLOS

Pelo Tribunal

Audiencia de 23 de Novembro

Distribuição

Acção Comelcial por letra :

Autor — José Faria da Silva Araujo, de Sequeira, Braga.

Reus — Manuel Gomes Ferreira Junior, de Moure, e Manuel Nunes Vilaça, de Sequiade, desta comarca.

Ao 5.º officio — Escrivão interino Luiz Carvalho.

Acção Commercial por letra (pequeno valor).

Auctor — José Faria da Silva Araujo, de Sequeira, Braga.

Reu — Manuel Nunes Vilaça, de Sequiade.

Ao 5.º officio — Escrivão interino Luiz Carvalho.

Inventario orfanologico por obito de José Martins, da freguesia de Grimancelos.

Ao 3.º officio — Dr. Cardoso.

Julgamentos

Em audiencia de policia correccional responderam pelos crimes previstos e punidos pelo art. 360 n.º 1.º e 420 do Cod. Penal, os reus José Roque de Oliveira e Antonio da Costa, ambos da freguesia de Chorrente, sendo o primeiro absolvido e o segundo condenado na pena de 30 dias de prisãa correccional, 5 dias de multa a 3\$00, diarios, 300\$00 de imposto de justiça, 30\$00 ao defensor officioso, 100\$00 de indemnisaçãa ao queixoso e no mais devido para os Cofres.

Audiencia de 27 de Novembro

Distribuição

Carta precatoria para nomeaçãa de louvados e avaliaçãa de bens, vinda da comarca da Povoa de Varzim, e extraida do inventario orfanologico por falecimento de Antonio Lopes dos Santos, que foi da freguesia de Laundos.

Ao 2.º officio — Rebelo da Silva.

Carta precatoria para nomeaçãa de louvados e avaliaçãa de bens vinda da comarca de Vila Verde, e extraida do inventario orfanologico por falecimento de José Luiz Ferreira, que foi da freguesia de Cervães.

Ao 5.º officio — Escrivão interino Luiz Carvalho.

Julgamentos

Em policia correccional responderam os reus Idalino Fernandes, desta cidade, e Joaquim de Matos, da freguesia de Igreja Nova, por haverem faltado á revista de inspecçãa militar, sendo condenado cada um dos reus na multa de 10\$00, acrescida do adicional de 20%; 50\$00 de imposto de justiça, 30\$00 para o advogado officioso e no mais devido para os Cofres.

Tambem responderam em policia correccional os reus Alvaro Pinto, de Almeida, João do Vale, Antonio da Silva e Domingos Fernandes Reis, todos de S. Verissimo do Tamel, pelo crime de ofensas corporais, sendo o primeiro condenado na pena de 5 dias de prisãa correccional substituida por multa a 12\$00 diarios; 3 dias de multa a 2\$00 diarios; 150\$00 de imposto de justiça; 50\$00 ao advogado officioso; 80\$00 de indemnisaçãa ao queixoso e no mais devido para os Cofres, e os tres restantes reus foram absolvidos.

Tambem em policia correccional respondeu Manoel Joaquim Gonçalves, da freguesia de Roriz, pelo crime de ofensas corporais, sendo condenado na pena de 3 dias de prisãa correccional substituida por multa a 10\$00 diarios; 100\$00 de imposto de justiça; 3 dias de multa a 1\$00 e no mais devido para os Cofres.

Ainda em policia correccional e por haver infringido o Codigo de

Posturas Municipais, respondeu Antonio Gonçalves Marques, da freguesia de Alvelos, sendo condenado na multa de 100\$00 acrescida do adicional de 20%; 30\$00 ao defensor official e no mais devido para os Cofres.

Julgamentos marcados

Para o dia 3 de Dezembro proximo o dos implicados no processo Ferros.

Para o dia 5 do mesmo mez o de João dos Santos, desta cidade, pelo homicidio voluntario.

SOCIEDADE

Aniversarios

Passa sexta-feira, 30, da Ex.ª Senhora D. Dalmira Carvalho de Azevedo, dedicada esposa do nosso intimo amigo sr. Antonio Emilio Roriz Azevedo.

Encontram-se doentes, desde ha dias, os nossos estimados amigos, srs. Joaquim Viana Lopes, Manoel Pereira da Quinta e Adriano Pinto de Azevedo.

—Estiveram no Porto, os srs. Manoel Pereira Esteves, Antonio Emilio Machado, João Miranda e Inacio de Freitas Teles.

—A fim de irem esperar sua Ex.ª mãe, sr.ª D. Irene Garrido, que chega agora do Brazil, seguiram para o Porto suas gentis filhas, acompanhadas de uma sua tia e senhoras amigas.

—Seguiu para o Brazil o sr. Alvaro Carvalho Brandão acompanhado de sua esposa sr.ª D. Cidália Martins Brandão, sobrinha do nosso amigo sr. Francisco Nogueira Martins, de Barcelinhos.

A CIDADE

Baptisado elegante

Foi baptisado domingo passado na igreja parochial de Melhazes, um filhinho do sr. Mario da Costa Palmeira, considerado negociante em Braga, e genro do nosso particular amigo, sr. Visconde da Fervença, tendo recebido o nome de Fernando.

Os padrinhos foram a Ex.ª Senhora D. Maria Eugenia Nogueira, esposa do tambem considerado negociante de Braga, sr. Antonio Augusto da Silva Nogueira, e o nosso presado amigo sr. Delfim Vinagre, inteligente empregado superior da importante casa Borges & Irmão, do Porto.

Em seguida a este acto religioso foi oferecido em casa do avô do neófito, nosso distinto amigo sr. Visconde da Fervença, um lauto almoço, onde assistiram os seguintes convidados:

Ex.ªs senhora D. Elvira Barroso, D. Elsa Barroso e D. Lucia Vinagre.

E os srs. Oracio Barroso, dr. Costa Palmeira, Manoel Pereira da Quinta Junior e Antonio Augusto da Silva.

OBITUARIO

Vitimada pela tuberculose faleceu ante-ontem, nesta cidade, a sr.ª Lourença Pereira Martins, de 18 anos.

O seu funeral realisou-se hontem, tendo sido conduzida na carreta dos nossos Bombeiros Voluntarios.

Sacos de Papel

Primeira 1\$55
Segunda 1\$20

Pedidos a

Ferreira Dias, Lim. da

Barcelos

CAMBIOS

Comunicado

Praças	Com-prador	Vende-dor
Sj Londres.	98\$75	99\$00
> Paris.	79,5	\$80,0
> Madrid.	3\$28,1	3\$29,8
> Amsterdam.	8\$17,4	8\$21,5
> New-York.	20\$38,5	20\$45,8
> Suissa.	3\$92,1	3\$94,1
> Italia.	1\$06,6	1\$07,2
> Belgica.	2\$83	2\$84,4
> Suecia.	5\$43	5\$45
> Noruega.	5\$42,7	5\$44,7
> Dinamarca.	5\$42,8	5\$44,8
> Berlim.	4\$85,1	4\$87,6
> Rio de Janeiro	2\$43,6	2\$44,8
Libras, ouro.	108\$50	109\$00
Agio, ouro.	2275 0/0	2300 0/0

O abaixo assinado, vem por este meio tornar publico o seguinte facto. No ano de 1899 faleceu sua esposa sendo sepultada no cemiterio de Mariz, tendo por diversas vezes falado com os membros da Junta da Freguesia afim de comprar o terreno dessa campa, e ultimamente avisando-se com o presidente da actual Comissao Administrativa Paroquial falando-lhe sobre esse assunto, ficou tratado que compraria o terreno pelo preço de 150 escudos, estando nessa occasião tambem presente outro membro da comissao.

Tendo falecido no dia 18 do corrente um individuo nesta freguesia, foi procurado na sua residencia, seriam 10 horas da noite por um filho do Sr. Regedor dizendo-lhe, que seu pai, a Junta e o paroco tinham resolvido abrir a campa que tinha tratado, para ali sepultar o individuo que faleceu, e que se não vendia o terreno por dinheiro nenhum, e que procedesse como quizesse.

No dia seguinte soube que foi aberta a referida campa e tirado o caixão que encerrava os restos mortais da sua esposa, que era de chumbo, para fóra do coval e que estava em perfeito estado de conservação, onde o conservaram até ao dia 20 de manhã, ou seja aproximadamente pelo espaço de 24 horas.

Não se limitou a isto o procedimento da junta, pois ainda teve o arrojo de mandar fazer um buraco no caixão para ver o que estava dentro, e tornando atapar esse buraco foi metido novamente na mesma campa, mas por cima do caixão que continha o cadaver do individuo sepultado na vespera. Deixo ao criterio do publico, o avaliar o procedimento incorreto da Junta, pedindo a atenção das autoridades para este facto afim de providenciarem como fôr de justiça.

Mariz, 26 de Novembro de 1928.

José Domingues de Sousa Sobrinho

PELOS CORREIOS E TELEGRAFOS

Expedição de malas postais

Da estação central dos Correios de Lisboa fazem-se as seguintes expedições de malas postais:

Dia 29, pelo paquete inglez «Demerara», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 30, pelo paquete inglez «Agulha», para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a Africa Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabethville e Africa Oriental e pelo paquete francez «Belle Isle», para a Madeira, Brazil e Argentina.

Dia 1 de Dezembro, por via Algeciras e Gibraltar, para a ilha de Timor.

Dia 3, pelo paquete holandez «Zelandia», para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Todas as terças-feiras partem do Funchal e por paquetes inglezes malas postais para a Africa Austral, Cap Town e Elisabeth.

A expedição de malas postais para Macau é diaria (via Lisboa) pelo «Sud-Express».

Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco

Assembléa Geral

Convoco a reunião extraordinaria do Definitorio Geral desta Ordem para reunir no dia 1 do proximo mez de Dezembro, ás 15 horas, na respectiva Sacristia. E se neste dia não comparecer numero legal de irmãos para deliberar, fica, desde já marcado o dia 9 do mesmo mez e a mesma hora, para se efectuar a reunião.

A Ordem do dia é:—Nomear ou elegar a Comissao composta de tres irmãos, que dê execução ao que foi deliberado na ultima Assembléa Geral—ou revestir desses poderes a Comissao Administrativa que for nomeada pela Autoridade competente. Barcelos 26 de Novembro de 1928.

MINISTRO:

Francisco Carmona

ARNALDO GAMA

O Sargento - Mór de Vilar

Episodios da Invasão dos francezes em 1809

II

De novo parou o nobre mancebo sufocado pela indignação. Esteve um pouco sem poder continuar, até que, serenando, seguiu assim o fio da historia que estava referindo:

—Os pais correram então a dar parte ao filho mais velho do que havia acontecido, e zombaram do facto, e zombaram do doido. Ao saber da fugida da esposa e da morte do filhinho, Francisco caiu por morto em terra. Levaram-no para o leito nupcial, agora só dele, e ali jazeu o triste, entre a vida e a morte, durante trinta dias. Quando se levantou, estava louco; ou melhor, levantou-se nesse estado de espirito que pende entre a loucura e o idiotismo. Mudaram-se então as scenas. Até ali a familia fugia dele; agora fugia ele da familia, que tambem

não procurava encontral-o. Não aparecia dias a fio em casa. Vagueava pelos arredores, entoando sempre canções funebres, e os canticos dos mortos. Daqui lhe veio a alcunha de *De profundis* em memoria do seu canto favorito. Os lavradores ora fugiam dele, ora lhe davam por caridade o sustento. Tomava-o ele donde o encontrava; de cima de uma pedra, do subpedâneo de uma cruz de um adro, de junto de uma árvore, donde enfim lho iam pôr, segundo a direcção em que o sentiam vir aproximando. Por esses lugares tambem dormia, neles se acoutava, de verão e de inverno, chovesse ou fizesse sol. Os pais nem tratavam de saber dele. Estavam satisfeitos os desejos daqueles vilãos. A obra estava completa. Francisco, o filho mais velho, era o *De profundis*; Braz, o mais novo, era o administrador do morgado...

—E o outro... o *De profundis*? Ha tanto tempo que se não sabe dele... —balbuciu Camila, comovida por aquela tristissima história. —Desapareceu—repliquou Luiz Vasques.—Ha seis mezes que o não vêem. Os pais crêem que morreu, ou afoga-

do nalgum dos poços do Cávado ou despenhado por aí em algum barranco. Contudo ele é vivo, e vive para quando a justiça de Deus ordenar que ele apareça.

A entoação da voz do moço era tão solene ao proferir estas últimas palavras, que Camila estremeceu. Estava afeita a ver nele apenas o companheiro da sua infancia, e naquele momento reconhecia que ele era mais do que isso, mais do que o compartilhador dos seus inocentes folguedos e pensamentos; reconhecia enfim que era um homem sujeito a paixões violentas, como ela nunca pensara que existissem, e que podessem concitar alguém. Luiz continuou então:

—Eu fui sempre muito amigo daquele desventurado. Creio que já então presentia nele as desgraças, com que de futuro havia de simpatizar. Imagina pois o desprezo e o odio que me deve inspirar o miseravel que as causou, e com que espirito agoireiro devo considerar qualquer encontro com ele. Encontrei-o, como te disse hoje; foi a primeira pessoa que vi, e demais a mais falou-me... E sabes o que me disse, Camila?—acrescentou,

fitando-a—Quando o avistei, desviei para o lado o cavallo, mas o vilão atravessou o dele diante do meu. Cumprimentou-me civilmente, e depois disse-me com a mais aprimorada cortezia:

«—Sr. Luiz Vasques, tencionava procural-o, mas já que tenho a felicidade de o encontrar, peço-lhe licença para aqui mesmo lhe fazer uma pergunta, que entre velhos pareceria desasistada, mas que entre rapazes deve ser considerada e correspondida com franqueza.

«—Diga—balbuciei secamente. «—V. S.ª tem algumas tenções a respeito da filha do sargento-mór de Vilar?

—Ao ouvir estas palavras, senti vontade de lhe cruzar a cara com este chicote. Contive-me porém e respondi:

«—Com que direito se reputa o senhor para me fazer essa pergunta?

(Continua)

GARAGE BARCELENSE

Consignataria da Vacum Oil Company e agente Ford

Aluguer de automoveis, reparações, recolha e lavagem. Venda de gasolina, oleos, pneus e acessórios.

LARGO JOSÉ NOVAIS—BARCELOS

SUCURSAIS

Avenida Alcaides de Faria e brevemente uma outra, tambem em ponto central

MOTOR electrico, de força de 4 a 5 H. P., «mize-marche», correias etc. etc., com pouco uso e perfeito estado de conservação, vende-se. Na redacção de «A Plebe», Valença, informa-se. Facilita-se o pagamento.

Boa Quinta

Vende-se a quinta da Gavieira, em S. Verissimo, que pertenceu ao falecido tenente-coronel Francisco Vila-Chã Rodrigues Leite. Para informações nesta redacção.

TRABALHOS GRAFICOS

DE TODO O GENERO PARA O COMERCIO—LIVROS—REVISTAS—JORNALIS, ETC.

Officinas montadas com material aperfeiçoado e movidas a electricidade, aptas a executar com urgencia, perfeição e economia qualquer trabalho de impressão a * uma e mais cores. *

TIPOGRAFIA ENCAD. E PAPELARIA FERNANDO MARINHO BARCELOS



VENDE

FOTOGRAFIA SOUCASAU

Vende-se uma maquina de costura, em estado de nova. Nesta redacção se informa

PASSAPORTES E PASSAGENS



PARA O

Brazil, America do Norte, França, Cuba, Argentina ou qualquer paiz

João de S. Pimenta (João da Oficina)

Campo da Feira (em frente ao Senhor da Cruz)—Barcelos

SERIEDADE, ECONOMIA E RAPIDEZ

A COLUMETA PORTUGUEZA, L. da Sede em Lisboa Sucursal no Porto

Armazem de retém em Barcelos: L. DA PEDRA DO COUTO

Tem já á disposição dos Srs. Lavradores, os seguintes adubos e productos quimicos, recebidos directamente das suas Fabricas no Extranjeiro:

Col azotada	com	18 a 20 %
Clorêto de potassa	»	50 a 52 %
Fosfato Tomás	»	18 %
Nitrato desódio	»	16 %
Sulfato de amónio	»	20 a 22 %
Sulfato de cobre	»	99 1/2 %

Preços sem competencia e percentagens garantidas

N. B.—Este armazem encontra-se aberto todas as quintas-feiras e os restantes dias uteis dirigir-se á casa M. A. Coutinho & Filhos, desta cidade.

FARMACIA MODERNA Antiga da Calçada

Director—João Pacheco Leite

Aviamento de todo o receituário clinico

BELMIRO A. DE MIRANDA CONSTRUCTOR

Obras em pedra, tijolo e cimento armado Fornecimento de materiais.

Mannel Esteves Limitada

Campo da Republica—Barcelos Cal branca e hidraulica, cimento, adubos quimicos, sal e outras mercadorias. Fabrica Ceramica do Patarro (TELHA E TIJOLO)

JOSÉ NARCISO FERNANDES

RUA NOVA DE S. BENTO Encarrega-se de qualquer trabalho de trolha bem como de pintura.

REPUBLICANOS—Assinaí e divulgai «A OPINIÃO»

Necessarias explicações

(Continuado da 1.ª pagina)

narquico intransigente, embora, como autentico camaleão, já tivesse sido republicano e regionalista, outra attitude não devia tomar senão de «simples expectativa» como diz, visto tratar-se dum acto, oficialmente republicano e praticado sob a nobre e altiva bandeira da Republica que é hoje glorioso padrão nacional.

E' publica e foi largamente censurada a congénita insensatez com que, em incorrecta, insolente e impropria attitude, o sr. Silva Couto se conduziu no banquete oferecido ao sr. ministro da Justiça, bem como, publica é, igualmente, a forte reprimenda que lhe infligiu o sr. presidente do Municipio, apoiado pelos assistentes, inclusivamente delegados da imprensa do Porto, e officiaes da guarnição militar de Braga.

Quanto ao alardeamento que «O Barcelense» faz das explicações concedidas ao sr. Silva Couto, por um representante de «O Primeiro de Janeiro», devemos dizer que são producto da transcrição duma correspondencia enviada por aquele cavalheiro para «A Voz» de que é correspondente no Porto. Deste facto se pode concluir o seu valor muito parcial e a inconsistencia do seu aproveitamento como factor iludativo desta causa.

Mesmo se «O Primeiro de Janeiro», tivesse a intenção de se manifestar, perante o sr. Silva Couto, da forma que ele o escreveu na correspondencia para «A Voz», e, «O Barcelense», depois, transcreveu, tel o-hia feito no extracto da referida assembleia geral publicado nesse diario em 7 do corrente, o que, de resto, não fez como é facil verificar.

Quanto ao sr. Sousa Martins publicar na imprensa republicana local, explicações sobre o caso questionado, não o fazendo, tambem, nos jornais do Porto é tudo quanto ha de mais lógico:

Em primeiro logar porque foi a imprensa local quem principiou a atacar o tomando a defesa do sr. Silva Couto, emquanto que, os diarios da cidade Invicta nenhuma prova deram da sua solidariedade com este cavalheiro, pois publicaram até referencias depreciativas do seu character.

Em segundo logar porque, tendo sido a questão levada ao seio da «Associação dos Jornalistas e Hmens de Letras», do Porto, é ahí que tem de ser terminalmente discutida, o que, ainda se não fez por virtude do pedido dirigido ao sr. Sousa Martins pelos srs. Dr. Aarão de Lacerda e Lopes Vieira, respectivamente presidente e vice-presidente daquele organismo.

Todavia, convencidos estamos de que, com a demostra, nada se perde.

«O Barcelense» no seu ar-

tigo «E... Ponto Final», que parece ter sido feito pelo proprio sr. Silva Couto, tais as incongruencias que apresenta, finalisa, em tom de lamuria, quasi a pedir misericordia, arranjando já um «possivelmente» estranho á classe e delações que não foram do sr. Sousa Martins.

Depois procura fazer derivar as acusações ao sr. Sousa Martins para o subscriptor da moção, quando, em todo o Porto se sabe que, se essa moção não é da propria autoria do sr. Silva Couto é, pelo menos, producto da sua directa colaboração e choraminguisse.

Relativamente á citação de casos passados em 1918 e 1919, nesta cidade, com o sr. Silva Couto, não ha nela a menor delação, pois se trata de referencias a actos seus, de character publico, mencionados em processos disciplinar e criminal e pela prova dos quais respondeu sendo condenado e expulso do Exercito.

E os factos consumados, em direito comprovados com dedução de prova documental e testemunhal, e sobre os quais haja já recaído a sanção punitiva dos competentes Tribunais, não constituem, juridicamente ou moralmente, delação.

Assim é que esta questão fica posta no seu verdadeiro logar até ao veridictum final da proxima decisão que ha-de ter na «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras», do Porto, embora, por nossa parte, estranhemos, sempre, a falta do officio em que muito desejaríamos, para termos ensejo de levar até junto dessa entidade, por directo documento, a mais decisiva confirmação do que aqui escrevemos.

Ficam, pois, desmascarados os sofisticos enredadores que, com intuitos reservados, tudo envenenam no capcioso desejo de atingirem certos propósitos que jamais conseguirão alcançar.

O CASO SILVA COUTO

Ao longo arrazoado de «O Barcelense», apenas alguns ligeiros mas indispensaveis esclarecimentos:

Não foram os meus colegas na Associação dos Jornalistas que entenderam desagravar o sr. S. C. na moção tornada publica; foi elle que, por intermedio dum camarada seu do «Comercio do Porto», apresentou a moção em referencia, preparando a atmosfera propicia para que ela fosse aprovada.

Ignoro as explicações que deu o sr. Lopes Vieira em nome de «O Primeiro de Janeiro». E' natural que elle, muito correcto e amavel, como é, usasse de expressões benevolas para com o homenageado. Mas nunca poderia ter dito que «as maledivas referencias (sic) ao sr. S. C. haviam sido introduzidas subrepticamente no

«Janeiro». E não o podia ter dito, pois devia saber muito bem que tal publicação fôra autorizada, aliás com pleno conhecimento de causa, pelo illustre director daquele diario, sr. Jorge de Abreu.

S. C. não falou apenas em nome do «C. P.», o que pouca importancia teria; mas falou ainda em nome da «Voz», do sr. conselheiro Fernando de Sousa e da imprensa, no que reside a gravidade do caso.

Se fiquei «mudo e seco» no banquete, o que não

aconteceu com S. C., que parecia bastante melhorado, foi para não agravar, no momento, um acidente que irritou todas as pessoas que sabem usar uma gravata.

Mas quem se conserva mudo e quedo, como um peneiro, é o sr. S. C. Sabe que sou eu o seu «detractor», encaixou a suposta offensa, mas não me julga pessoa idonea, para me responder. Veremos se um dia consigo arrancar-lhe a fala do bucho.

Sousa Martins.

A VIDA

Num maravilhoso parque da cidade do Sonho, lugar que pelas suas inconfundiveis belezas naturais, matizado de poeisia e encantamento, foi sempre propicio ás travessuras de Cupido, erguia-se magestosa e olimpica uma linda escultura de mármore, um Apollo verdadeiramente assombroso, derramando Arte por todos os seus modelares contornos, como que em admiravel apoteose ao extraordinario genio que o havia esculpido.

O oiro quente do sol brilhava na sua frente altiva. O vento murmurava em seus ouvidos melodiosos de Verdi. O Amor desafiava o seu coração de pedra, e a multidão tumultuava á sua volta, na exhibição ridicula, espantosa e delirante, dos ultimos figurinos. A verdade, porem, é que nada disto alterava a calma do seu corpo imortal.

As paixões humanas, bem como os affectos e comoções violentas, jamais haviam conseguido abalar o seu frio desdem. Os rumores perturbantes da vida, portanto, quasi lhe passavam despercebidos, nada alterando o seu rosto de pedra e impassivel.

Mas... oh terrivel tentação!...

Uma bela noite, uma dessas soberbas noites em que o luar parece banhar-se magicamente até ao âmago das nossas proprias almas, a lua envolveu a escultura em seu encanto traioeiro, e, de tal forma a entonteceu, que Apollo saiu do seu torpor, sentindo no peito bategas de um coração fremente. Depois desceu do seu pedestal, meio duvidoso, como que ensaiando os seus primeiros passos. O corpo, porem, tornou-se-lhe flexivel. Uma léve côr rosada tingiu-lhe as faces semi-animadas, e pelo braço ôco da Tentação, deixou-se arrastar para o torvolinho da vida.

Atroz desilusão! A inveja e a calúnia retalharam pouco a pouco toda a fé do seu puro coração. As paixões mais extraordinarias e profundas, minaram macabramente o seu peito largo. A vida, enfim, deslizando sumptuosamente no cortejo horrido das suas misérias e das suas dôres, aturdiu-o cinica e barbara-

mente, avivando-lhe assim as saudades do passado.

Confrontou então as intemperies a que esteve sujeito, e sentiu nojo da vida.

A agua da chuva que dançava o fustigava durante horas e horas consecutivas parecia-lhe hoje menos fria e amarga do que as lagrimas que lhe corriam pela face. O ardor violento do sol que outrora o envolvia, jamais o queimara tanto, como o fogo vivo do olhar humano. As desilusões do Amor, feriram-no agora mais, que o proprio buril que noutros tempos, rasgára no mármore as fórmas divinas do seu corpo.

Um horror! Um verdadeiro horror!

Então o deus sentiu a nostalgia do não ser, e roendo amargamente a angustia cruciante de ter sido humano, ele correu como louco em procura da sua serena insensibilidade, voltando de novo ao seu altaneiro pedestal, á sua impassibilidade de pedra!

Fantasia?... Talvez... mas eu vejo assim a vida.

Lisboa, 25-XI 928.

Joaquim Terroso.

SINDICANCIA Apuramento de responsabilidades

Segundo informações que, quasi á ultima hora nos foram fornecidas, consta-nos encontrar-se nesta cidade o sr. Chefe da Fiscalisação da Repartição districtal de Braga, encarregado de proceder a uma sindicancia na Repartição de Finanças, deste concelho, sobre os gravissimos e escandalosos actos profissionais do sr. Roque Antonio da Silva que, pelo seu amesquinhante criterio de orientação ha muito se devia ter afastado da repartição que, incompetentemente dirige.

As responsabilidades que pesam sobre o sr. Roque Antonio da Silva são duma extraordinaria gravidade e mostram as escandalosas anomalias da sua absoluta falta de competencia moral e profissional.

Para se conhecer delas, são materia comprovativa, mais que sufficiente, a prova das acusações formuladas, tanto em «O Barcelense» como neste bi-semanario, onde foram citados elementos documentais e testemunhais de incontestavel valor, não devendo esquecer-se o apuramento do que se passa quanto a um processo ultimamente organizado sobre a falta de apresentação da relação

de inquilinos contra um proprietario da freguesia de Vila Frescainha S. Pedro, e em que é parte interessada o sr. Nuno da Cunha Sotto Maior, amanuense da Tezouraria da Fazenda Publica, deste concelho, que, sobre o assunto muito pode elucidar.

A conformar-se o facto de aqui se encontrar já um syndicante, aguardamos a verificação do criterio de rectidão e imparcialidade que adaptar, para, conforme as circunstancias, nos pronunciarmos, hoje, como sempre, sem receio algum pelas responsabilidades que, felismente, em todos os campos, sabemos assumir.

Elevada distincção

Quando as grandes deferencias partem dos mais altos organismos mundiais, distinguindo povos com honrosas situações oferecidas a elementos de altivo valor mental, republicano, e moral, o espirito de intimo agradecimento sensibilisa a nação homenageada.

E', exatadamente, o que nos succede na presente conjuntura com a nomeação do brilhante escritôr e incontestavel talento que é Raul Proença, para um elevado cargo na comissão de estatistica e biblioteca da Sociedade das Nações.

Em qualquer situação, honrosa seria a gentileza de tão grande prova de simpatia pelos autenticos valores intellectuais portugueses, porem, neste momento, a distincção conferida a Raul Proença, que se acha auzente do paiz por motivos politicos, concentra um muito maior significado porque demonstra que, a Sociedade das Nações reconhece as razões dos pontos de vista defendidos pelos republicanos que querem a Republica restituída á plenitude da pureza dos seus principios doutrinaros.

Emquanto outros, tantas delicias empregam para obter uma situação dentro da Sociedade das Nações, esta, em gestos de franca solidariedade aos republicanos homisiados, diferenciados, oferecendo-lhes posições de honra, de prestigio e de valor, como gentileza a Portugal, á Republica e aos republicanos irreductiveis nos seus principios. Se o êco desta pequena noticia pode chegar até junto de Raul Proença que ele receba o apertado abraço de quem, admirando-o, se sente intimamente satisfeito pela honra conferida.

Paquetes a sair no mês de Novembro

De Leixões:

Dia 29—Vapor francez «Belle Isla», para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.
Dia 29—Vapor alemão «General Mitre», para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

De Lisboa:

Para o Norte da Europa

Dia 29—Paquete francez «Marsilla», para Vigo e Bordenes.
Dia 30—Paquete alemão «Antonio Delfino», para Vigo, Boulogne e Hamburgo.

Para a America do Sul

Dia 29—Paquete inglez «Demerara», para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.
Dia 30—Paquete brazileiro «Pocané», para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Este n.º de «A Opinião»

foi visado pela Comissão

de Censura